

A rota dos romances para o Rio de Janeiro no século XIX

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos
(USP)

O objetivo principal deste artigo é lançar luz sobre o mercado livreiro europeu das primeiras décadas do século XIX, com especial ênfase nos editores que exerceram um papel fundamental na disponibilização e circulação dos romances ingleses no Brasil oitocentista. O interesse principal, aqui, recai sobre os mecanismos e práticas de mercado que possibilitaram que o principal porto brasileiro naquele período fosse um dos centros de irradiação e disseminação dos romances para o restante do território nacional. Trata-se de investigar um dos importantes atores no processo de difusão do gênero, na medida em que foram responsáveis por criar condições materiais para a implantação do romance também no Brasil.

O assunto de que vou tratar aqui foge do terreno propriamente literário. Ele forma, porém, junto com outros componentes, tais como a disponibilidade de equipamentos e bens culturais e a instituição de espaços públicos de leitura, a base material que possibilitou o acesso dos leitores aos livros durante o período que se seguiu à chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808. A abertura dos portos às nações amigas e os interesses comerciais em ambos os lados do Atlântico favoreceram a integração do país no mercado livreiro internacional, que experimentava, por sua vez, um momento de notável expansão mundial. O ato do Príncipe Regente ocorria, ao que tudo indica, num momento bastante propício para os livreiros europeus, ansiosos por expandirem suas vendas e encontrarem novos consumidores para os livros que imprimiam e vendiam.

Antes de penetrar nesse território, no entanto, gostaria de explorar alguns dos argumentos que Franco Moretti apresenta em

seu *Atlas do Romance Europeu*¹, para, por um lado, confirmar algumas de suas observações, e por outro complicar ligeiramente o quadro que ele desenha dos mercados narrativos por volta da primeira metade do século XIX. Entre suas principais teses, Moretti demonstra a existência, nesse período, do que ele denomina de “duas superpotências narrativas” – a Grã-Bretanha e a França – como centros produtores e exportadores de ficção, fato que em si não deveria causar estranheza na medida em que esse predomínio apenas reproduziria, no plano literário, o papel central que a base franco-britânica exerceu na “transformação do mundo entre 1789 e 1848”². Os mapas de Moretti se restringem aos circuitos percorridos pelos romances franco-britânicos no restante da Europa e lhe permitem afirmar que, “na maior parte dos países europeus, a maioria dos romances são, muito simplesmente, *livros estrangeiros*”³. Embora não tenha sido seu propósito incluir na sua geografia literária os países deste lado de cá, se o tivesse feito, as constatações de Moretti dificilmente seriam diferentes. Da mesma maneira que húngaros, italianos, dinamarqueses e gregos⁴, também os leitores brasileiros iriam se familiarizar com o novo gênero por meio dos romances ingleses e franceses que, predominantemente, passaram a circular no Rio de Janeiro de modo cada vez mais significativo a partir das primeiras décadas do século XIX e a se espalhar para as outras províncias do Império logo em seguida. O Brasil integrava-se, dessa forma, às rotas transatlânticas do mercado literário, que tinha seu centro na França e na Grã-Bretanha.

Restaria, assim, verificar se o que Moretti lê nos mapas europeus, a preponderância expressiva dos romances canônicos e um “padrão regular e monótono” de entusiasmo pelos mesmos tipos de livros – ou, em suas próprias palavras, “uma Europa unificada por um desejo pelo que Peter Brooks chamou de ‘imaginação melodramática’”⁵ –, também vale para caracterizar as obras de ficção que se alugavam ou vendiam nas boticas e livrarias e que se emprestavam nos gabinetes de leitura e bibliotecas fluminenses. Um exame dos romances à disposição dos leitores brasileiros revela não apenas uma espécie de monopólio das estantes por autores como, por exemplo, Walter Scott, Charles Dickens, Daniel Defoe e Eugene Sue, mas também exibe uma interessante diversificação de títulos e subgêneros novelísticos, pos-

¹ Franco Moretti. *Atlas of the European Novel, 1800-1900*. London, Verso, 1999. Trad. bras.: *Atlas do Romance Europeu, 1800-1900*. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo, Boitempo, 2003. Ver capítulo 3, “Mercados narrativos, c. 1850”, p. 153-208.

² Eric J. Hobsbawm. Ver prefácio, *A Era das Revoluções, Europa 1789-1848*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p.15.

³ Moretti, p. 197.

⁴ Moretti, p. 197.

⁵ Moretti, p. 187.

⁶ Ver José de Alencar. “Como e porque sou romancista”. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Ed. José Aguilar, 1959, vol. I, 125-155.

⁷ *Silver-fork*: designação jocosa para se referir aos romancistas de princípios do século XIX que tratavam da vida e dos costumes elegantes, derivada das descrições que o *Fraser's Magazine* fazia de Edward Bulwer-Lytton como “polidor de garfos de prata”. Embora Lytton afirmasse que seus propósitos eram satíricos, esses romances ofereciam aos leitores uma experiência vicária da vida em sociedade. Entre os romancistas “silver-fork” encontravam-se Lady Charlotte Bury, Lady Blessington, Benjamin Disraeli e Catherine Gore, cujos romances encontramos nos acervos dos gabinetes de leitura fluminenses.

⁸ Na sua análise da produção e circulação do romance na Europa, Moretti se vale da teoria de Wallerstein para identificar os países que pertenceriam ao centro, semiperiferia e periferia do sistema. Ver *op. cit.*, p. 184.

⁹ Moretti, p. 190.

¹⁰ Moretti, p. 191.

sivelmente facilitada pela posição periférica do Brasil nesse mercado. Isto é, para cá os livreiros mandaram um pouco de tudo: Richardson e Marivaux, Lesage e Sterne, Radcliffe e Paul de Kock, Charlotte Brontë e Chateaubriand, Bulwer-Lytton e Fenélon, Fielding e Dumas, só para citar alguns freqüentadores assíduos dos anúncios de jornal ou dos catálogos dos gabinetes de leitura desse período. Chegaram igualmente aqueles que Moretti afirma não terem tido presença significativa nos outros países da Europa além da Grã-Bretanha e França, como as aventuras do Capitão Marryat, tão apreciadas por José de Alencar⁶, Ainsworth, Miss M. Elizabeth Braddon, Wilkie Collins, ou Georgiana Fullerton, as “industrial novels” de Elizabeth Gaskell e os romances “silver-fork”⁷. Poderíamos pressupor, portanto, que essa diversidade teria colocado em circulação no Brasil um amplo e importante acervo de temas, formas, procedimentos e técnicas para os primeiros brasileiros que se arriscaram no terreno da ficção. Talvez mais amplo do que tiveram à sua disposição seus sucedâneos nos países da semi-periferia e da periferia da Europa.⁸

Por outro lado, ao atribuir a seleção a forças culturais particulares de cada lugar – “o padrão geográfico sugere *uma afinidade cultural entre a forma específica e o mercado específico*”⁹ –, Moretti deixa na sombra um dos elos fundamentais nessa cadeia de circulação, pois sequer menciona o papel exercido pelo comércio livreiro no processo. Não seria razoável imaginar que, numa fase de industrialização da produção de livros, os interesses comerciais possam também ter estado na base dessas exportações? Se assim for, é possível complicar ligeiramente o quadro dos mercados narrativos construído por Moretti trabalhando com a hipótese de que não são necessariamente “o catolicismo que ‘seleciona’ os romances religiosos para o público italiano” ou “a maior emancipação das mulheres [que] seleciona narrativas de livre escolha emocional nos países protestantes”¹⁰ os únicos fatores responsáveis pela circulação de certas obras, e não de outras, nos diferentes países. A conclusão lógica nos levaria a supor, dessa maneira, que, se de um lado os países importavam os livros, na outra ponta livreiros de olho no mercado podem muito bem ter imposto escolhas e padrões de gosto, apostando no que já havia sido previamente testado, aprovado e se mostrara bem-sucedido no centro do sistema.

Nessa perspectiva, o comércio livreiro se juntaria aos outros componentes do circuito de circulação dos livros, tais como os jornais, os periódicos especializados e os críticos, nessa função de mediação e de estabelecimento de um cânone literário que, no caso do romance, foi se construindo paulatinamente desde o século XVIII. As disputas e polêmicas entre livreiros, críticos e periódicos são um capítulo curioso da história do romance inglês setecentista e dão bem a medida de quão influente era sua atividade e quão explícitos os seus interesses comerciais.¹¹

Essas são algumas das trilhas que gostaria de explorar nesse ensaio, na tentativa de retrazar os caminhos dos romances da Europa para o Brasil, na primeira metade do século XIX. É evidente que não se pode esquecer a presença dos livreiros franceses e portugueses no Rio de Janeiro entre 1808 e a suspensão da censura em 1821, estudados por Maria Beatriz Nizza da Silva, Lúcia Maria Pereira das Neves, Tânia Bessone e Leila Algranti¹². Como salienta essa última, esse foi um período em que várias casas e editoras de origem francesa, estabelecidas em Portugal desde o século anterior, “começaram a abrir filiais no Brasil, enviando seus representantes para atuarem no comércio de livros”¹³, atividade que, a essa altura, não era especializada – “eram negociantes que em meio a várias quinquilharias e objectos de luxo também vendiam livros”.¹⁴ Havia, ainda, os negociantes franceses que, fugindo da Restauração ou em busca de melhores condições de vida, haviam entrado no Brasil a partir de 1815 e que, estabelecidos em diferentes tipos de negócio, vendiam livros.¹⁵ Por ora, entretanto, pode ser proveitoso inverter a direção do olhar e buscar reconstruir os circuitos de que participaram os homens que fizeram a história do livro na Europa no século XIX.

Não cabe, aqui, investigar de forma exaustiva o comércio livreiro nessa primeira metade do século XIX, mas creio ser possível desenhar um quadro desse momento de expansão do comércio internacional do livro na Europa e arriscar algumas hipóteses sobre seu impacto na circulação de livros em nosso país, naquele período. Quero salientar que, embora meu recorte sejam sempre os romances ingleses, eles são representativos desse comércio internacional, que engloba britânicos, franceses, portugueses e as tão conhecidas contrafações belgas. De qualquer forma, essa expansão do comércio europeu e os efeitos que surtirá por aqui só

¹¹ Ver Sandra Guardini T. Vasconcelos. *A Formação do Romance Inglês. Ensaios Teóricos*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000. Tese de Livre-Docência, 3 vol.

¹² Maria Beatriz Nizza da Silva. Livro e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821), *Revista de História*, vol. XLVI, n. 94, abril-junho 1973, p. 441-457; Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves. *Comércio de livros e censura de idéias: A atividade dos livreiros franceses no Brasil e a vigilância da Mesa do Desembargo do Paço (1795-1822)*. *Ler História*, n. 23, 1992, p. 61-78; Leila Mezan Algranti. Censura e comércio de livros no período de permanência da corte portuguesa no Rio de Janeiro (1808-1821). *Revista Portuguesa de História*, vol. 23, n. 1, 1999, p. 631-663.

¹³ Leila Mezan Algranti. *Política, religião e moralidade: a censura de livros no Brasil de D. João VI (1808-1821)*. In: Maria Luíza Tucci Carneiro (org.). *Minorias Silenciadas. História da Censura no Brasil*. São Paulo, EDUSP/ Imprensa Oficial do Estado/FAPESP, 2002, p. 111-112

¹⁴ Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, *op. cit.*, p. 64.

¹⁵ Ver Tânia Bessone da C. Ferreira e Lúcia Maria Bastos P. das Neves. Livreiros franceses no Rio de Janeiro: 1808-1823. *História Hoje: Balanço e Perspectivas*. IV Encontro Regional da ANPUH-RJ. Rio de Janeiro, Associação Nacional dos Professores Universitários de História, 1990, p. 190-202.

irão se fazer sentir a partir da década de 30, quando o Brasil já gozava de sua condição de país politicamente independente.

Em torno do decênio de 1840, as inovações, melhorias e maior rapidez nos transportes terrestres (ferrovias) e marítimos (vapores), nas transações bancárias¹⁶ e nos serviços postais, as mudanças nas técnicas de impressão e nos modos de produção e distribuição, somadas à expansão do público leitor graças ao aumento da alfabetização, começavam a facilitar significativamente a circulação dos livros na Europa. O comércio livreiro, a partir principalmente de Londres e Paris, passou por um processo de profissionalização, com a substituição do antigo “bookseller” responsável pela impressão, edição e venda ou aluguel de livros, pela figura do “publisher”, o editor moderno especializado apenas na edição dos livros. Além disso, a reordenação jurídica do comércio livreiro internacional, que passou a incluir convenções, leis de propriedade literária e acordos bilaterais entre editores, possibilitou estabelecer redes de vendas, permitindo o contato e a relação direta entre profissionais, por meio da figura do livreiro comissário permanente. Muitas vezes, o livreiro exportador acabava por fundar uma verdadeira sucursal no exterior, por intermédio de um membro da sua própria família¹⁷, como foi o caso de B.L. Garnier no Rio de Janeiro a partir de 1844. A abertura dos portos brasileiros ocorria, portanto, num momento absolutamente auspicioso para os livreiros europeus. Já em 1812, os registros alfandegários da Grã-Bretanha informavam exportações da ordem de £346 em “livros impressos”. E se até 1848 seu crescimento esteve longe de ser excepcional, tendo atingido apenas £404 naquele ano¹⁸, a participação da França aparece como muito mais expressiva, com 11 toneladas de livros em português e em latim impressos ali e enviados ao Brasil em 1821.¹⁹ Segundo dados da *Revue Britannique*, no ano de 1838 a França expediu 230.000 francos em livros para o Brasil, ao passo que no ano anterior as contrafações belgas que também tiveram o nosso país como destino haviam somado 16.000 francos.²⁰

A análise das referências bibliográficas relativas aos romances ingleses que circularam no Rio de Janeiro apresenta resultados interessantes do ponto de vista da atividade editorial européia. Longe de exibir uma concentração, no entanto, o total de 99 autores e 502 títulos coletados se divide entre casas editoriais diversas e procedências várias, como podemos verificar nos quadros abaixo:

¹⁶ Depoimentos de comerciantes estrangeiros no Rio de Janeiro, na década de 1810, dão notícia das dificuldades e demora na entrega dos produtos e no desembaraço alfandegário e da falta de infra-estrutura portuária. Ver Herbert Heaton. *A Merchant Adventurer in Brazil 1808-1818. The Journal of Economic History*, vol. 6, n. 1, maio de 1946.

¹⁷ Ver Frédéric Barbier. *Le Commerce International de la Librairie Française au XIXe Siècle (1815-1913). Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*. Tome XXVIII, janvier-mars 1981, p. 94-117.

¹⁸ Fonte: National Archives (PRO), CUST 9/1 e CUST 9/35, respectivamente.

¹⁹ Barbier, *op. cit.*, p. 110.

²⁰ “De la situation actuelle de la librairie et particulièrement des contrefaçons de la librairie française dans le nord de l'Europe”, in *Revue Britannique*, Paris, tome XXVI, 4e. série, mars 1840, 52-97. A revista traz um quadro com valores comparativos à página 80.

Autores britânicos (identificados)

Séc. 18	Séc. 19
30	69

Obras anônimas

Séc. 18	Séc. 19	Sem dados
11	24	9

Língua

Inglês	225 títulos
Francês	146 títulos
Português	128 títulos
Espanhol	3 títulos

Editoras: origem

França	84 títulos
Inglaterra	81 títulos
Portugal	40 títulos
Bélgica	33 títulos
Alemanha (Leipzig)	24 títulos
Brasil (Rio de Janeiro)	11 títulos
EUA (Nova York)	11 títulos
Suíça (Genebra)	2 títulos

Tamãha dispersão dos títulos por tantas editoras européias obriga a levantar diferentes hipóteses para tentar explicar o caminho desses livros até o Brasil. Do lado de cá, as licenças concedidas pela Mesa de Desembargo do Paço dão testemunho das atividades de livreiros como Paulo Martim Filho (estabelecido à Rua da Quitanda), João Roberto Bourgeois, que não só fazia negócios com Luanda, Lisboa, Porto e Londres, mas enviava livros do Rio de Janeiro para diversos cantos do Brasil, e Pierre Constant Dalbin, que foi também editor de obras de Cervantes, Fénelon, Chateaubriand e Lesage, entre outros.²¹ Além disso, sabemos, por exemplo, que, assim que se abriram os portos em 1808, “os britânicos chegaram em grande número. Por volta de agosto, tinham entre 150 e 200 comerciantes ou agentes comerciais no Brasil”.²²

²¹ Tânia Bessone da C. Ferreira e Lúcia Maria Bastos P. das Neves. *Livreiros franceses no Rio de Janeiro: 1808-1823*, p. 194 e ss. Fernando Guedes informa que a casa Rolland tinha entre seus “importantes e perduráveis clientes no Rio de Janeiro” um certo João Baptista Bourgeois, com quem Rolland fez “negócios entre 1798 e 1815”. Ver Fernando Guedes. *O Livro e a Leitura em Portugal*. Lisboa, Ed. Verbo, 1987, p. 148-150, nota 1.

²² Rory Miller. *Britain and Latin America in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. Longman, 1993, p. 42. Herbert Heaton: “Por volta do final de 1808 haviam sido enviados ao Rio de Janeiro produtos britânicos no valor de pelo menos cinco milhões de dólares. Com eles ou antes deles foram os comerciantes britânicos ou agentes comissionados às vintenas. Em setembro, era possível reunir sessenta e duas firmas britânicas no Rio para subscrever um abaixo-assinado; e, uma vez que eles descreviam a si mesmos como compreendendo ‘uma grande maioria dos comerciantes respeitáveis residentes aqui’, parece seguro supor que, se acrescentássemos a minoria e os não respeitáveis, alcançaríamos um total de cem negociantes britânicos apenas no Rio.” In: *A Merchant Adventurer in Brazil 1808-1818*, *op.cit.*, p. 6.

²³ Ver Geoffrey Jones. *Merchants to Multinationals. British Trading Companies in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. Oxford, Oxford University Press, 2000. Há notícia de que 60 casas comerciais britânicas estavam funcionando no Rio de Janeiro em 1820. Ver D.C.M. Platt. *Latin America and British Trade, 1806-1914*. London, Adam & Charles Black, 1972.

²⁴ Nelson Schapochnik menciona o gabinete de leitura de Crémère, na Rua da Alfândega, e os de Mongie, Dujardin e Mad Breton, na Rua do Ouvidor. Veja “Contextos de Leitura no Rio de Janeiro do século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas”, in Stella Bresciani (ed.). *Imagens da Cidade. Séculos XIX e XX*. (ANPUH/São Paulo: Marco Zero/FAPESP, 1993), 147-162. Villeneuve, Didot, Mongie, Crémère, Garnier, Plancher, Dujardin eram alguns desses livreiros.

Muitos começavam como “commission merchants” e serviam como agentes dos fabricantes e atacadistas britânicos, negociando diretamente com eles. Mais importante mercado latino-americano para a Grã-Bretanha até o final do século XIX²³, quando foi suplantado pela Argentina, o Brasil portanto passou a fazer parte de uma rede que, além dos negócios diretos com as editoras européias, muito provavelmente se valeu dos correspondentes e dos viajantes para estabelecer as rotas percorridas pelos romances até chegar aos leitores brasileiros. O mercado livreiro local, mesmo que incipiente no início²⁴, logo se expandiu a ponto de tornar possível, algumas décadas mais tarde, encontrar livros publicados por Aillaud e Hachette em Paris, por Routledge e Bentley em Londres, ou Bernhard Tauchnitz em Leipzig. Ele se mostrava, dessa forma, extraordinariamente atualizado em relação às modas literárias européias, e adotava práticas semelhantes às da famosa Mudie’s Library²⁵, que incluiu a tática de anunciar sua seleta de livros nos jornais para aquecer as vendas e acabou por se transformar na melhor propaganda que podia haver para qualquer romance. A biblioteca circulante de New Oxford Street possuía um Departamento de Exportação para os excedentes e recebia encomendas não só do continente europeu, mas também de locais tão distantes quanto São Petersburgo, Índia, China e América.²⁶ Seu maior rival era W.H. Smith, que abriu sua primeira banca de livros na Euston Station, em Londres, e por volta de 1862 possuía uma rede de 185 filiais em estações ferroviárias inglesas, fazendo negócios e entregas em toda a Inglaterra e também no estrangeiro. O tamanho desses empreendimentos pode justificar o comentário de Anthony Trollope em 1870: “We have become a novel-reading people [...]”²⁷.

A história do acesso da burguesia à cultura letrada, no século XVIII, e, posteriormente, da classe operária ao mundo da ficção, no século XIX inglês se fizera graças à formação de um circuito de que participaram livreiros, bibliotecas circulantes e edições cada vez mais acessíveis, colocando o livro ao alcance de um número cada vez maior de pessoas. Esses circuitos letrados foram fundamentais na formação do leitor médio. Concorreram para isso coleções como a Routledge’s Railway Library, a Bentley’s Standard Novels, a The Parlour Library (com 279 títulos publicados entre 1847 e 1863) e a Routledge’s Standard Novels, que reuniam ro-

mances tanto do século XVIII quanto do século XIX, como por exemplo *Caleb Williams*, *Thaddeus of Warsaw*, *Frankenstein*, *Hungarian Brothers*, *Otranto*, *Vathek*, *St. Leon*. A Bentley's Standard Novels, cujas três séries somaram 158 volumes²⁸, representou um notável avanço no processo de democratização de leitura, graças às suas edições baratas de romances conhecidos.

Michael Sadleir afirma que "(...) quando [os editores] lançaram a série [Bentley's Standard Novels] não a planejaram deliberadamente como uma série barata de ficção popular contemporânea, mas sim como uma tentativa de registrar a fama permanente de certos romances escritos desde o grande período do romance do século XVIII, que, entretanto, não haviam sido republicados adequadamente até o momento, de forma barata e acessível"²⁹. Entretanto, o fato é que essas coleções contribuíram decisivamente para disponibilizar obras de ficção a um contingente cada vez mais substantivo de leitores. Público para isso havia, já que a classe operária havia começado a ganhar acesso à educação formal na Inglaterra oitocentista. (Enquanto na década de 1790 Edmund Burke estimava a dimensão do público leitor na Grã-Bretanha em cerca de 80.000 indivíduos, em torno de 1814 a *Edinburgh Review* contabilizava não menos de 200.000 pessoas dos setores médios da sociedade como o público para as leituras de entretenimento e instrução.)³⁰

Iniciada em 1831, com 126 volumes, a coleção da Bentley's Standard Novels só se encerrou em 1862, constituindo-se, ainda de acordo com Sadleir, "num marco da história da publicação de edições baratas". Em 1849, a Routledge lançava a sua prolífica, bem-sucedida e longeva Railway Library que, sem qualquer pretensão de ater-se a textos significativos, tinha como objetivo publicar ficção popular a preços populares. Até 1899, havia publicado 1.277 títulos, os famosos "yellowbacks", livros de formato pequeno e baixo preço vendidos nas bancas das estações ferroviárias, para serem lidos durante as viagens de trem e que receberam essa denominação por causa de suas capas cuja cor predominante era o amarelo.³¹ Acrescenta-se ainda a Smith, Elder's Library of Romance, com apenas 15 volumes, formada por ficção completamente original e especializada nas histórias romanescas, como o próprio título da coleção indica³². Muitos desses livros aqui chegaram ainda em suas edições originais, não traduzidas,

²⁵ Tendo iniciado suas atividades com uma pequena loja em 1844, Charles Edward Mudie expandiu seus negócios em 1852, tendo se tornado um dos mais influentes livreiros do século XIX inglês. Era conhecido como "Leviatã Mudie". Ver Guinevere Griest. *Mudie's Circulating Library and the Victorian Novel*. David & Charles, [1970].

²⁶ Ver William C. Preston. *Mudie's Library*. Rep. Good Words, October 1894; Guinevere Griest, *op. cit.*

²⁷ G. Griest, *op. cit.* [número de página não recuperado]

²⁸ Priorizando novas tiragens de romances em formato acessível e em grande escala, essa coleção marcou época com suas três séries: 1a. série (1831-1854, com 126 títulos; 2a. série (1854-1856), com 22 títulos; 3a. série (1859-1862), com 10 títulos, agora sob o nome geral de "Bentley's Popular Novels". Ver Michael Sadleir, *XIX-Century Fiction. A bibliographical record based on his own collection*. London, Constable & Co., 1951, 2 vols.

²⁹ No original: "In other words, when they [the editors] launched the series they did not deliberately foresee it as a cheap-edition series of current popular fiction, but rather as an attempt to register the permanent fame of certain novels written since the great period of eighteenth-century novel-writing, but not hitherto fittingly reprinted in handy and cheap form". Michael Sadleir, *op. cit.*, vol. 2, p. 94.

³⁰ Os dados podem ser encontrados em William St. Clair, *The Reading Nation in the Romantic Period*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

³¹ Ver Chester Topp. *Victorian Yellowbacks and Paperbacks, 1849-1905*. Denver, Hermitage Antiquarian Bookshop, 1993-1999, 4 vols; Michael Sadleir. *Collecting "Yellowbacks" (Victorian Railway Fiction)*. Constable, London, [1938], p. 127-161.

³² A Smith, Elder & Co. foi fundada em 1816 e era uma das editoras de grande prestígio no século XIX, tendo publicado Charlotte Brontë, William Thackeray, Anthony Trollope, Elizabeth Gaskell e George Eliot. Ver Robin Myers & Michael Harris. *A Genius for Letters. Booksellers and Bookselling from the 16th to the 20th century*. Winchester, St. Paul's Bibliographies; Delaware, Oak Knoll Press, 1995. Foi a Smith, Elder & Co. que publicou o Catálogo da Rio de Janeiro British Subscription Library.

³³ Os dados podem ser encontrados em Richard D. Altick. *The English Common Reader: A Social History of the Mass Reading Public, 1800-1900*. 2nd ed. Columbus, Ohio State University Press, 1998. Ver Appendix B, p. 383-384.

³⁴ Romances publicados em série ao preço de um penny (moeda inglesa).

como é o caso de Marryat, W.H. Ainsworth e G.P.R. James (dignos representantes da Railway Library), dos anônimos *The Disinherited and The Ensnared* e *The Mascarenhas*, da Smith, Elder & Co. Outros, chegaram em tradução, vindos de Lisboa, Paris, Bruxelas ou Leipzig, como é o caso de M. Banim, M.E. Braddon, Wilkie Collins, etc.

A aposta na edição ou reedição em coleções baratas dos romances favoritos do público (entre os 279 títulos da The Parlour Library, por exemplo, se reeditaram romancistas como Elizabeth Gaskell, Jane Austen, Elizabeth Inchbald, Anne Brontë, Jane Porter, etc.) rendeu vendas que nos deixam espantados, mesmo dentro dos padrões dos dias de hoje: *Guy Mannering*, de Scott, vendeu 2.000 cópias no dia seguinte ao de sua publicação; *Rob Roy*, também de Scott, vendeu 10.000 numa quinzena e mais de 40.000 até 1836; *Pickwick Papers*, de Dickens, vendeu um total de 800.000 exemplares até 1879; *A Christmas Carol*, também de Dickens, vendeu 16.000 só no dia de sua publicação³³. São números que impressionam não só como indicadores de verdadeiros fenômenos editoriais – os *best-sellers* do século XIX – mas também porque são prova concreta da existência de um círculo cada vez maior de leitores e de um processo inegável de democratização do acesso ao livro.

As edições baratas não se restringiram aos romances do século XVIII ou aos escritores mais consagrados como Scott e Dickens. Aos poucos, elas deram lugar à produção de novos tipos de ficção para atender à mudança de gosto dos leitores das classes mais baixas. Os velhos romances reeditados em novas tiragens haviam prestado um bom serviço mas decerto devem ter começado a parecer fora de moda aos novos leitores citadinos – sua linguagem era destoante e soava antiquada, a vida que retratavam parecia estranha e era necessário um estilo mais contemporâneo, mais próximo e adequado aos novos tempos.

Decorrente da industrialização e da migração do campo para a cidade, a formação de uma nova cultura urbana, se deu início a uma era de ficção de massa, nas décadas de 1840 e 1850, confirmou no gosto popular os nomes de Ann Radcliffe, cuja influência na ficção popular foi enorme, e de Walter Scott, cujo *Ivanhoe* foi onipresente e gozou de uma popularidade que atravessou o século. As *penny-issue novels*³⁴, embora tenham elegido outros temas

e interesses, mais afeitos a essa cultura urbana, fundiram o gótico e o histórico e imitaram exaustivamente esses modelos. Segundo Louis James³⁵, *The Pickwick Papers* (1836-7) de Dickens foi o livro mais plagiado de seu tempo. As *penny-issue novels* estão fora do escopo dessa discussão, mas o que interessa ressaltar aqui é que, com frequência, foram as edições baratas dos romances populares na Inglaterra que chegaram ao Rio de Janeiro.

Até 1829, as vinte e cinco *Waverley novels* de Walter Scott haviam vendido 500.000 exemplares e até 1860, em torno de 2 a 3 milhões³⁶. Scott também teve papel fundamental na consolidação de um formato de edição que se iniciou com seu *Waverley*, em 1814. Como significava bons negócios para as bibliotecas circulantes e gabinetes de leitura porque podia ser alugado para três leitores simultaneamente, o romance em três volumes virou moda pelas mãos de Charles Edward Mudie, que não só ajudou a difundir-lo como lhe conferiu *status*, dignidade literária e seriedade, em comparação com os “yellowbacks”, considerados leitura leve e de entretenimento. Mais importantes, porém, foram as consequências que esse formato teve na própria estruturação dos romances pelos romancistas, que se viram obrigados a levá-lo em conta e passaram a adequar suas narrativas à extensão dos “three-deckers”: o uso de incidentes, a tendência a longas descrições, os enredos múltiplos, a ênfase nos retratos das personagens, a riqueza de detalhes, as digressões autorais, as reflexões ou as conversas com o leitor. Não se trata, como se poderia supor, de simples pormenores, uma vez que esses procedimentos serão aqueles que se tornarão familiares também para os nossos escritores, desse lado de cá do Atlântico.

Enquanto Richard Bentley logo adotou, também ele, o formato dos três volumes mas tratou de baixar os preços, e George Routledge e W. H. Smith apostavam nas “railway libraries”, os editores franceses imediatamente reagiram com edições baratas (caso de Charpentier, Lèvy e Hachette, entre 1838 e 1855)³⁷ e com as coleções do “chemin de fer”³⁸. Assim como os ingleses, também eles haviam se aberto para o estrangeiro (Gosselin, Bossange e Didot eram livreiros exportadores), chegando alguns inclusive a se instalar nas colônias, ou ex-, como foi o caso das famílias Bossange e Garnier, no Rio de Janeiro.³⁹ Os irmãos Michel e Calman Lèvy, por exemplo, criaram uma biblioteca familiar a

³⁵ Louis James. *Fiction for the working man, 1830-1850*. London, Penguin, 1974.

³⁶ Ver William St. Clair, *op.cit.*, ver quadro à p. 221.

³⁷ Jean-Yves Mollier. *L'Argent et les Lettres. Histoire du Capitalisme d'Édition, 1880-1920*. Paris, Fayard, 1988.

³⁸ Em 1o de abril de 1852, Louis Hachette propôs-se, em nota às Compagnies de Chemins de Fer, a publicar o sucedâneo francês das “railway novels”: “MM. L. Hachette et Cie ont eu la pensée de faire tourner les loisirs forcés et l'ennui d'une longue route au profit de l'agrément et de l'instruction de tous.” Cf. Jean Mistler, *La Librairie Hachette de 1826 à nos jours*. Paris, Hachette, c. 1964, p. 123.⁴⁰ Mollier, *L'Argent et les Lettres*, p.365. Ver também Jean Mistler, *op. cit.*, p. 269.

³⁹ Baptiste-Louis Garnier (1823-1893) foi o irmão que se estabeleceu no Rio de Janeiro em 1844, segundo informa Laurence Hallewell. *O Livro no Brasil*. São Paulo, EDUSP, 1985, p. 127-128. Martin Bossange, por sua vez, juntamente com seus dois filhos Adolphe e Hector, forma uma empresa familiar com ramificações internacionais, com lojas em Leipzig, Madri, no México, em Montréal, Nápoles, Nova Iorque, Odessa e Rio de Janeiro. Ver Diana Cooper-Richet. L'imprimé en langues étrangères à Paris au XIXe siècle: lecteurs, éditeurs, supports. In: *Revue française d'histoire du livre*, ns. 116-117, 3e e 4e trimestres, 2002, p. 203-235 (p.213).

⁴⁰ Mollier, *L'Argent et les Lettres*, p. 365. Ver também Jean Mistler, *op. cit.*, p. 269.

⁴¹ A *Revue Britannique* de março de 1840 ressaltava a importância dos *colporteurs* e da *colportage* na distribuição dos livros. Ver nota 16.

⁴² Jean-Yves Mollier, *op. cit.*

⁴³ Ver Jean-François Botrel. La librairie "espagnole" en France au XIXe siècle. In: Jean-Yves Mollier. *Le Commerce de la Librairie en France au XIXe siècle, 1789-1914*. Versailles, IMEC Éditions; Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, p. 292-3. Nota explicativa: quintal é uma antiga medida de peso equivalente a 4 arrobas; um quintal métrico equivale a cem quilogramas.

⁴⁴ Frédéric Barbier. The Publishing Industry and Printed Output in Nineteenth-Century France. In: Kenneth Carpenter (ed.). *Books and Society in History*. New York, R.R. Bowker, 1983, p. 199-230 [p. 205].

⁴⁵ Jean-Yves Mollier, *L'Argent et les Lettres*, p. 91.

⁴⁶ William St. Clair, *op. cit.*, p. 296-297. Segundo Diana Cooper-Richet, Giovanni Antonio Galignani instala no centro de Paris uma livraria, um gabinete de leitura e uma casa editora, consagrados à literatura britânica e a jomais em inglês, enquanto Louis-Claude Baudry lança, em 1829, a coleção *Ancient and modern British Authors*, com 32 títulos. A partir dos anos 30, Galignani e Baudry iriam se associar, oferecendo aos leitores Walter Scott, Maria Edgeworth, Dickens e Thackeray. Ver *L'imprimé en langues étrangères à Paris au XIXe siècle: lecteurs, éditeurs, supports*. In: *Revue française d'histoire du livre*, ns. 116-117, 3e e 4e trimestres, 2002, p. 203-235.

um franco o volume e, em 1889, seu catálogo contava com 1.414 títulos de 277 autores, aí incluídos Dickens, Ann Radcliffe e G.R. Reynolds.⁴⁰ Enquanto uma rede de *colporteurs*⁴¹ e de viajantes comerciais ou vendedores itinerantes (os "*commis voyageurs*") era o ponto de contato entre os comerciantes e os clientes e consumidores e garantia as exportações para a América do Sul durante o século XIX⁴², os números demonstram que no começo do século XX a França já havia exportado para a América Latina "(Argentina, México e Brasil, essencialmente) uma média de 1.100 quintais métricos de livros em línguas estrangeiras ou mortas".⁴³

Paris, centro das modas, tinha um público leitor capaz de transformar em *best-seller* qualquer aventura literária⁴⁴ e, ao final da guerra de 1815, tornou-se um dos grandes centros de publicação de textos em língua inglesa. Enquanto os irmãos Firmin Didot tinham a propriedade literária das obras de Scott⁴⁵, Baudry publicava textos em inglês e, já ao final da década de 1820, os novos romances ingleses eram vendidos em Paris no prazo de três dias de sua publicação em Londres, em edições de boa qualidade e por um preço quatro vezes menor que o britânico. Também se tornaram comuns os acordos e as sociedades, como a de Baudry e Galignani, ou a de Firmin Didot e Hachette, com fins de compartilhamento da produção e distribuição dos livros. Entre 1830 e 1850, Baudry e Galignani ofereciam um bom catálogo de literatura inglesa recente⁴⁶ e o mesmo Baudry, assim como Aillaud e Pillet Aîné, publicava ainda traduções de romances em português. Constatou-se, dessa maneira, o quanto esses livreiros e editores contribuíram para as trocas e transferências culturais e como, mesmo que indiretamente, exerceram um papel fundamental no processo de difusão e disseminação de autores e romances em circuitos muito mais amplos e territórios muito mais distantes do que o dos países europeus.

Cada uma das casas editoras tem, obviamente, sua história. Para ilustrar esses caminhos tortuosos do romance pelo mundo, valho-me dos casos mais representativos no que diz respeito àquele conjunto de 502 romances ingleses que chegaram ao Rio de Janeiro no século XIX. O primeiro abarca um conjunto de títulos que, embora tenham sido publicados por editoras diferentes, representa a participação inglesa nesse mercado, com suas inventivas soluções para a democratização do livro. Refiro-me especifi-

camente às edições populares da Routledge, da Chapman and Hall (1849-1902), da Bentley, da J.S. Pratt e da S. Fisher, com uma contribuição diferenciada mas tendo em comum o fato de estarem todas envolvidas na produção de encadernações baratas. De todos, talvez George Routledge (1812-1888) seja o exemplo mais paradigmático. Tendo começado suas atividades como livreiro em 1836, Routledge já em 1844 havia se tornado editor, publicando tanto grandes autores quanto romancistas menores, e também obras estrangeiras em inglês, como as de Lesage, Eugene Sue, Balzac, Cervantes e Dumas.⁴⁷ “Imitação deliberada e não totalmente escrupulosa da Parlour Library”, editada por Simms & M’Intyre de Belfast e cujo propósito era difundir boa literatura num formato elegante e barato⁴⁸, a bem-sucedida Railway Library, a um shilling o volume reimpresso, foi a versão de Routledge para aquela série. Tacada certa, sua iniciativa de associar o símbolo do progresso e modernidade da Inglaterra vitoriana e industrial – o trem, as ferrovias e as viagens de trem – e o romance sobreviveu meio século, até 1899, e foi imitada do outro lado do Canal da Mancha por Louis Hachette e em Portugal pelo editor Manuel Antonio de Campos Júnior, com sua coleção “Leitura para Caminhos de Ferro”, de 1863.⁴⁹ Tanto em Londres quanto em Paris, esforços similares em estabelecer uma política de preços baixos e edições populares criaram novos parâmetros editoriais e produziram os exemplares que atravessaram o oceano e vieram aportar no Rio de Janeiro. Seriam eles também destinados aos eventuais viajantes das estradas de ferro brasileiras, implantadas a partir do decênio de 1850 pelas companhias inglesas?⁵⁰

O segundo caso diz respeito à conhecida Casa Hachette. Responsável por uma coleção de 150 volumes vendidos a um franco cada – a *Bibliothèque des Meilleurs Romans Étrangers* –, Louis Hachette ajudou a divulgar na França um conjunto de autores estrangeiros, entre os quais os ingleses ocupavam um lugar de honra: Bulwer-Lytton, Charlotte Brontë, Benjamin Disraeli, Mayne-Reid, William Thackeray e Charles Dickens. É este último que me interessa particularmente aqui, porque representa um caso emblemático das mudanças que passavam a ocorrer no mundo da edição. Desde 1854, algumas obras de Dickens figuravam no catálogo da *Bibliothèque de Chemins de Fer* e, desde as décadas de 1830 e 1840, vários de seus romances podiam ser lidos em fran-

⁴⁷ Ver Chester Topp. *Victorian Yellowbacks*, vol I.

⁴⁸ Michael Sadleir, *op.cit.*, volume II, p. 167.

⁴⁹ Ernesto Rodrigues. *Cultura Literária Oitocentista*. Porto, Lello Editores, 1999, p. 13.

⁵⁰ Os britânicos estiveram envolvidos na construção e operação das ferrovias brasileiras desde o início (a primeira linha foi inaugurada em 1854) e nos últimos anos do Império havia vinte e cinco delas controladas por grupos britânicos em diversos cantos do país, como por exemplo a The São Paulo Railway, The Minas and Rio Railway Company, The Recife and São Francisco Railway, etc. Fonte: Catálogo da Exposição “Os Britânicos no Brasil”, São Paulo, Centro Brasileiro Britânico, 2001.

cês, seja em traduções livres como a de Mme Niboyet para *As Aventuras de Mr. Pickwick* em 1838, ou o *David Copperfield* que Pichot havia traduzido para a *Revue Britannique*, tendo como ponto comum entre todas elas a infidelidade das traduções. Para fazer frente a essa situação, em janeiro de 1856 Dickens e Hachette assinam um contrato de publicação e logo depois Paul Lorain é escolhido para supervisionar o trabalho de tradução da série de 28 romances do escritor inglês, iniciando-se uma parceria estreita entre autor, editor e tradutores que vai render frutos no sentido de uma maior profissionalização dessas relações. Além disso, Dickens assume o papel de conselheiro na escolha dos romances ingleses para tradução e coopera com Hachette nos contatos que o editor francês busca estabelecer com outros autores ingleses da época. Em minuta de carta a Dickens, datada de maio de 1856, Hachette declarava:

Je désirerais maintenant étendre ces relations [avec Milady Fullerton, auteur de *Lady Bird*] aux autres écrivains dont les ouvrages sont les plus estimés en Angleterre et son de nature à être le mieux accueillis en France.⁵¹

⁵¹ Citado por Jean Mistler, *op.cit.*, p.160. Devo todas as informações referentes à Casa Hachette a essa obra e a Jean-Yves Mollier, *Louis Hachette (1899-1864). Le fondateur d'un empire*. Paris, Fayard, 1999.

Como seus sucedâneos, Hachette também tinha uma atividade importante na exportação por meio do Département Étranger Hachette (D.E.H.) e especial interesse na Inglaterra e Alemanha, mantendo representantes e viajantes e às vezes até mesmo seus dirigentes em andanças pelo mundo, a partir do final do Segundo Império. O dado de que os esforços da casa editora se dirigiam sobretudo à América Latina pode ser comprovado pelo fato de que a coleção de romances ingleses em circulação no Rio de Janeiro no século XIX publicados por Hachette consta de 44 títulos, a maior por parte de um só editor.

Haveria ainda que ressaltar a presença e a participação das contrafações belgas, nessa coleção. A controvérsia que cerca a propriedade ou impropriedade do uso do termo e sua definição é conhecida e exige uma certa cautela na sua aplicação. Associada ou não à idéia de fraude e plágio, vista como imoral e corruptora do gosto, a contrafação foi fenômeno mundial e não apenas belga, favorecido pela ausência de regras e de regulamentação internacional quanto a direitos autorais e legais.⁵² Assim, tanto Aillaud, em

⁵² Sobre esse tópico, ver Herman Dopp. *La Contrefaçon des Livres Français en Belgique, 1815-1852*. Louvain, Liv. Universitaires, Uystpruyst Éd., 1932; François Godfroid. *Nouveau Panorama de la Contrefaçon Belge*. Bruxelles, Académie Royale de Langues et de Littérature Françaises, [1986].

Paris, quanto Bassompierre, em Liège, os Baudoin frères e Berthot, em Bruxelas, Chapman, em Londres, Dujardin em Gand e Tauchnitz em Leipzig, podiam ser incluídos na lista dos *contrefacteurs*. No entanto, foram os belgas que souberam tirar proveito da maior liberdade de imprensa vigente nos Países Baixos, livres da censura e dos impostos pesados que marcavam as atividades na França sob Napoleão, e a contrafação belga viveu seu período de apogeu entre 1815 e 1850, quando entrou em declínio graças à assinatura da primeira convenção franco-belga de direitos do autor, em 1852. “Une réproduction à bon marché”, conforme a definiu Herman Depp⁵³, a contrafação belga adotou o formato reduzido (in-12, in-18 ou in-32) no lugar do in-8° parisiense, com papel de qualidade inferior e tipos mais cerrados. E, embora a contrafação belga de livros em língua inglesa tenha sido modesta, dada a universalidade do francês como língua de cultura, foram vários os livreiros belgas que publicaram autores ingleses: em 1825, P.J. de Matt de Bruxelas tinha em catálogo os romances de Walter Scott; em 1835, Wahlen publicou sua “Collection d’Auteurs Anglais Modernes”, além de Banim, Blessington, Gore e Radcliffe; Méline ou Wahlen publicaram ainda Bulwer, Dickens, Edgeworth, Goldsmith, G.P.R. James, Marryat, Scott, Trollope.

⁵³ Herman Dopp, *op. cit.*, p. 12.

Os franceses, é evidente, se ressentiram da concorrência belga, mas, como Emile de Girardin deixou claro, “La Belgique a fait ce qu’elle avait le droit de faire, et ce que la France n’avait aucun scrupule de pratiquer à l’égard des livres anglais...”⁵⁴, o que dá a medida de quão generalizada era a prática nos dois países.

⁵⁴ Citado por Herman Dopp, *op. cit.*, p. 12.

A *Revue Britannique* de março de 1840 comentava:

MM. Galignani et Baudry, de Paris, sont les seuls qui, à force de soins et de persévérance, soient parvenus à donner à la contrefaçon des ouvrages anglaises une certaine importance. Ces éditeurs ont pour clientèle les trente mille familles anglaises qui habitent la France, la Suisse, la Savoie, l’Italie et les diverses parties de l’Allemagne (...)⁵⁵

⁵⁵ *Revue Britannique*, mars 1840, p. 60-61.

Vindos de Bruxelas, são trinta e três os títulos de romances ingleses que compõem o acervo fluminense, dos quais trinta e um em francês e dois em inglês, o que apenas confirma a avaliação da mesma *Revue Britannique* a respeito da predominância flagrante

e universalidade da língua francesa, considerada como “instrument de haute sociabilité” no período. Como dizia o autor (não identificado) do artigo, os editores belgas sabiam muito bem como explorar o filão que a apatia dos franceses parecia deixar de lado, aproveitando-se ainda do fato de que “aujourd’hui, Londres consomme par semaine de 12 [sic] à 1.500 francs de contrefaçons belges”. É curioso lembrar que a própria *Revue Britannique*, originalmente editada em Paris, tinha sua similar belga, com uma tiragem de 1.200 exemplares.

Por outro lado, os títulos em inglês, originários de fora da Grã-Bretanha, se concentram nas mãos de outro dos casos interessantes que vale a pena destacar. Trata-se de outro pequeno conjunto de 24 romances, que também circularam no Rio de Janeiro naquele período, todos produzidos pelo mesmo editor, um alemão de Leipzig. Bernhard Tauchnitz (1816-1895) fundou a editora em 1837 e a partir de 1841 passou a publicar uma coleção de autores britânicos e norte-americanos em inglês, um costume bem-estabelecido no continente, como o provava a parceria entre as firmas de Baudry e Galignani.⁵⁶ A editora encerrou suas atividades apenas em 1943, ao ser destruída em um bombardeio. Naquele ano, a coleção havia atingido a impressionante cifra de 5.370 volumes, a maior parte deles de ficção.⁵⁷

O principal alvo de Tauchnitz não era o mercado britânico, mas o próprio continente europeu, e as ferrovias faziam o transporte de seus livros para diversos pontos da Europa, para dali serem enviados para o exterior: de Bremen para os Estados Unidos, de Dresden para Viena, de Paris, para a Espanha, Portugal, África e Oriente Próximo. Por contrato com os autores, os volumes não podiam ser exportados para a Grã-Bretanha, mas acabavam lá chegando pelas mãos de turistas britânicos que os compravam durante suas viagens ao continente. Uma oferta de publicação vinda de Tauchnitz significava uma consagração, e não nos surpreende saber que Dickens, Marryat e Bulwer-Lytton foram alguns dos romancistas que autorizaram o editor alemão a publicá-los. *Pelham, or the Adventures of a Gentleman*, de Bulwer Lytton, e *The Posthumous Papers of the Pickwick Club*, de Dickens, inauguraram a coleção em 1842, que anunciava como seus traços distintivos a correção do texto, a elegância exterior e os baixos preços, e podia se gabar de que, muitas vezes, a “edição internacio-

⁵⁶ William Todd & Ann Bowden. *Tauchnitz, International Editions in English 1841-1955. A bibliographical history*. New York, Bibliographical Society of America, 1988, p. 3.

⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 770 e 1022.

nal” era lançada muito antes de sua contraparte nacional. Segundo dados de 1937, a firma havia produzido mais de 40 milhões de exemplares e o legendário Barão de Tauchnitz havia recrutado 6.000 livreiros em todo o mundo.⁵⁸

Quer seja nas edições de Hachette, de Tauchnitz ou da Routledge Railway Library, ou em contrafações belgas, os romances ingleses que circularam no Rio de Janeiro ao longo do século XIX ajudam a contar a história dos circuitos, rotas e caminhos percorridos por esses livros a partir dos diversos centros europeus em seu longo percurso até os portos brasileiros. O que eles nos mostram é que os mercados narrativos de que fala Moretti são efetivamente sem fronteiras. Por ocasião do centenário de Tauchnitz, um outro editor, Walter Hutchinson (1887-1950), prestou-lhe uma homenagem, lembrando-lhe as realizações:

There are no boundaries in literature – neither race nor creed, and books, I sometimes think, form probably the best basis for that true internationalism which it is hoped will one day be established in the world. Baron Tauchnitz, whose Centenary it is to be fittingly celebrated throughout the world, was, in my opinion, one of the greatest of ambassadors, for he made available to millions of people the works of the greatest authors of all nations. Baron Tauchnitz’s brilliant idea developed into an international institution and few men have left behind them in their work a more enduring memorial.⁵⁹

⁵⁸ Cf. *Tauchnitz-Edition*. The British Library, London, 1992.

⁵⁹ *Idem, ibid.*

Mesmo que se ouça nessas palavras um certo exagero encomiástico, característico dessas ocasiões, é forçoso reconhecer que, assim como ocorreu no caso de Tauchnitz, o grande feito desses homens foi ligar os continentes por meio dos livros. Foi graças a esses espíritos empreendedores, ao seu faro para os negócios e à sua ousadia que os livros se tornaram mais baratos, que as tiragens aumentaram e que obstáculos foram transpostos para que os romances chegassem às mãos de seus leitores, mesmo que eles fossem em pequeno número e estivessem distantes, do outro lado do oceano.